

poder, para acompañar los distintos procesos de los estudiantes y así permitir la construcción de un conocimiento plural que recogiese todas las voces presentes en el aula.

“Cuando los primeros humanos dibujaron en las rocas figuras de animales, ya intervenían estéticamente en el mundo, y como seguramente ya tomaban decisiones morales, también intervenían de manera ética. Justamente en la medida en que nos tornamos capaces de intervenir, capaces de cambiar el mundo, de transformarlo, de hacerlo más bello o más feo, nos tornamos seres éticos” (Freire, 1997:26)

## **Referencias**

ABRAMOWSKI, Ana (2010), “La escuela y las imágenes: variaciones de una vieja relación” en Dussel, Inés; Abramowski, Ana; Igarzábal, Belén y Laguzzi, Guillermina, *Aportes de la imagen en la formación docente. Abordajes conceptuales y pedagógicos*. Instituto Nacional de Formación Docente. Proyecto Red de Centros de Actualización e Innovación Educativa (C.A.I.E). Línea: Pedagogías de la imagen. Documento de Trabajo.

BERGER, John (2004), *El tamaño de una bolsa*, Taurus, Madrid

FELDMAN, Daniel (2004), Imágenes en la historia de la enseñanza: la lámina escolar en *Educação & Sociedade, Dossiê "Imagem e pesquisa em educação: Currículo e cotidiano escolar"*, vol.25 (no.86), Campinas Apr.

FREIRE, Paulo (1997), *El grito manso*. Ed. Siglo XXI, México.

MARRO, Mabel Susana, GROSSO, Analía Ester (1995), *Perfeccionamiento Docente a Distancia. Enseñanza de la lengua*, Módulo 3, Vocación Docente, Buenos Aires.

## **Práticas inovadoras de avaliação dos discentes no ensino superior: experiências pensadas e vividas**

Kathia Maria de Melo e Silva Barbosa  
Universidade Federal de Pernambuco – Brasil  
katuchao@yahoo.com.br

A avaliação dos estudantes no ensino superior  
1778

## **Resumo**

Como bem anuncia Hoffmann (2007. p. 39), “antes de se fazer diferente, é preciso pensar diferente sobre o que se faz”, uma vez pensado é hora de realizar. Nesse sentido a materialização de uma prática pedagógica alinhada ao trabalho docente na disciplina de didática nos cursos de pedagogia e licenciaturas diversas me impulsionou a realizar uma prática avaliativa que oportunizasse o acompanhamento e a conscientização dos processos de aprendizagem pelo discente e de ensino pelo docente ao tempo que os primeiros, experimentassem outras atividades pedagógicas, tais como: fichamentos escritos na forma de paródias ou músicas, produção de cordel, contos e desenhos dentre outros como instrumento avaliativo. Tal prática possibilita a ruptura com modelos clássicos e tradicionais, cuja eficiência é questionável no que se refere à construção efetiva da aprendizagem realizada e insere-se na perspectiva de uma educação progressista na medida em que a diversidade de instrumentos utilizados com vista à avaliação estimula o desenvolvimento de habilidades e competências de domínios diversos e ainda integra distintos conhecimentos. Esta proposta filia-se a concepção que concebe a avaliação “como parte integrante do processo de aprendizagem” (Gill: 2010), logo, de natureza formativa e contínua. Os resultados apresentados nas produções dos discentes atestam a validade das atividades com vistas à avaliação pela qualidade técnica, estética e rigorosidade conceitual anunciadas nos textos. Mais do que isso a narrativa expressa no momento que antecede a apresentação destes em sala revelam o prazer experimentado primeiro pelo desafio superado frente às atividades, para alguns, inusitadas. Depois pela própria qualidade do texto produzido. Por fim registramos que toda esta construção resulta do nosso processo de formação contínua e nos diálogos permanentemente estabelecidos com autores que se ocupam da avaliação dos processos de ensino e de aprendizagem no espaço escolar e dentre os quais citamos: Hoffman, Gil, Luckesi, Moretto, dentre outros.

## **Abstract**

As Hoffmann (2007, p.39) says: "before to do different, it is necessary to think different on what one does"; once thought, it is time to perform. In this sense, the materialization of a pedagogic practice lined up to teaching work at the Class of Didacticism in Pedagogy and other Degrees stimulated me to conduct an assessment practice that gave an opportunity to monitoring and awareness of learning processes by the students, and the teaching, by the teaching faculty, by the

time that the first ones had experiments with others pedagogical activities like: notes wrote in form of parody or music, tales and drawings, Cordel production, amongst other, as assessment tools. This practice makes possible the disruption with classical and traditional models, which efficacy is questionable in regard to the construction of the actual learning. Also insert in the progressive educational perspective, once the diversity of the tools used to assess encourages the development of abilities and skills from diverse domains and yet integrates several knowledge. This proposal is affiliated to conceptions that see evaluation "as an integrant part of the learning process"(Gill, 2010), ergo, of formative and continuous nature. The results presented at the production of the students attests the validity of the activities that aimed at assessment by the technical quality, aesthetics and conceptual rigor announced in the texts. Furthermore, the narrative expressed at the moment that precedes the presentation of the students at the classroom revels the pleasure experienced, first, by overcoming the challenge in view of activities, unusual for some. Second, by very quality of the text. Finally, we register that all this construction results from our process of continuous training and also from the dialogues permanently established to the authors that think on assessment of the teaching and learning process within the school, among which we name: Hoffman, Gil, Luckesi, Moretto.

“Uma verdadeira viagem de descobrimento  
não é encontrar novas terras,  
Mas ter um novo olhar.”  
Marcel Proust.

Pensar sobre a avaliação escolar não deve se configurar apenas como objeto de investigação e constatação, mas como preâmbulos de novas práticas articuladas com os movimentos de evolução pensados e experimentados pelos sujeitos envolvidos, internamente nos campos: afetivo, comportamental e cognitivo e externamente nos espaços sociais, profissionais e científicos, mediados pela reorganização e/ou mudanças paradigmáticas e operacionais promotoras da melhoria da qualidade dos processos vividos. Significa igualmente dizer que a escola não pode se desvincular do contexto macro e micro social no qual está inserida ao tempo em que os ressignifica produzindo “novos contextos”.

A vinculação da unidade educacional com os campos supracitados se faz através do diálogo estabelecido entre eles com a devolução dos resultados dos estudos e pesquisas científicas e acadêmicas, tal como nos apresenta Hoffmann (2005) sobre o lugar da avaliação no cotidiano do ensino superior no Brasil. Segundo a autora a década de 90, do século XX, foi o período no qual se retomou “as discussões sobre avaliação nos cursos de formação de professores, com a inclusão do

tema como disciplina regular em algumas universidades” (p. 73), este debate, além de ampliar a produção da literatura sobre o tema incorpora conceitualmente, as dimensões sociais e políticas impressas ao processo avaliativo.

Neste sentido a evolução conceitual sobre os processos avaliativos e os instrumentos empregados é incontestável, mas não parecem ser suficientes para garantir que sejam empregados, principalmente nos cursos de graduação. É como se estas possibilidades estivessem restritas aos níveis iniciais de ensino sob o risco de desqualificar o universo científico impresso ao ensino superior. Contrariando esta perspectiva sacralizadora do ensino superior, nos espelhamos em Freire (1996), que nos convoca a ousar para transformar.

Quanto ao seu aspecto conceitual e formativo, concordamos que a avaliação é um componente imprescindível e indispensável da práxis pedagógica por se tratar de um instrumento de acompanhamento do docente e de autoconhecimento do discente sobre o apreendido oportunizando a reelaboração e ajustes de natureza conceitual quando necessário.

Hoffmann sugere que “antes de se fazer diferente, é preciso pensar diferente sobre o que se faz” (2007: p. 39). E foi por este caminho que iniciamos nossas experiências sobre a prática avaliativa no ensino superior. Ao longo dos anos, como professora de didática de cursos de graduação em licenciaturas percebemos que não era suficiente apresentar as concepções de avaliação segundo as escolas pedagógicas “apenas” como demarcações teóricas. Também não bastava assumir nossa própria filiação teórica em autores como e no momento de avaliar os discentes utilizar instrumentos e princípios de outras, justificados talvez por estarmos na academia, locus de produção científica, que acaba engessando as possibilidades restringido-as as produções cientificamente pré-definidas. Assim “nossa ousadia” se materializa no ato de experimentar outros instrumentos avaliativos que fossem coerentes com nossas concepções de educação de ensino e de aprendizagem, sem desqualificar os princípios que definem uma educação de nível superior. Experimentamos como primeira possibilidade a aproximação dos discentes com os gêneros textuais diversos que os mobilizasse no sentido de exercitar a autoria. Iniciamos o desafio propondo a construção de fichamentos de textos estudados na forma de paródias (musicais) ou como poesia em cordel.

Tivemos a preocupação de garantir sempre duas ou mais possibilidades de gêneros textuais, porque embora houvesse uma queixa recorrente dos discentes sobre os instrumentos avaliativos, houve também certa resistência à realização das atividades julgadas incomuns no cotidiano acadêmico. Também nos ocupamos de demonstrar que a diversidade de instrumentos avaliativos não desqualifica o ensino realizado e o conhecimento apreendido no ensino superior, mas que a enriquece.

Este processo avaliativo composto pelos desafios de produzir de outras maneiras o registro do aprendido, seguia-se do desafio de apresenta-se em sala. O que para nós significou como exercício de postura, entonação de voz, de mobilização da classe para além dos vivenciados nas apresentações de seminários, e que são significativas na formação de um professor. Somam-se a estas experiências corporais as de natureza cognitiva dos discentes que declararam que os estudos realizados ficaram registrados no seu consciente intelectual de forma mais significativa e prazerosa.

Como conclusão destas avaliações/produções e com a devida permissão dos seus autores, nós socializamos uma das produções em formato de cordel produzido por Michelle Ghislain (UFPB, 2010.2), sobre o texto de Celso Antunes (2002) intitulado “Existem novas formas de aprender?” e que nos permitimos reproduzir aqui, na sua íntegra.

A Arte de Ensinar

Um desafio para a vida

Agora vou te contar

Falo de uma arte antiga

A arte de ensinar

E para cumprir tal ofício

Você tem mesmo que amar

A magia das palavras

Tem o poder de encantar

Para alguns é um deleite

Para outros um pesar

Cabe ao mestre nessa hora

Pôr tempero ao ensinar

O mestre em sala de aula

É um agente transformador

Ele encoraja o aluno

A ser um decodificador

Pois mensagem sem sentido

Não possui nenhum valor

A criatividade do aluno

O mestre precisa provocar

Jamais apontar seu erro

Mas aplaudir o acertar

Esqueça caneta vermelha

Chegou a hora de se renovar

A linguagem do aluno

Você precisa respeitar

Refleta então um segundo

Sobre as maneiras de ensinar

Use sua coerência

Pois dizer é bem mais que falar.

Com estas palavras concluímos que nossas experiências vividas, em cursos de pedagogia e licenciaturas nas Universidades Federais da Paraíba e de Pernambuco / Brasil, na diversificação de instrumentos avaliativos na perspectiva de uma avaliação formativa são eficientes e eficazes tanto na mobilização e desenvolvimento de uma escrita autoral diversificada, quanto no

acompanhamento da aprendizagem conceitual dos discentes ao tempo em situa o docente sobre os processos de ensino por ele empregado. Porque,

O aluno sente-se estimulado a trabalhar de forma produtiva quando percebe que há uma finalidade no trabalho que o professor propõe; que seus resultados são estudados juntamente com o professor; que seu desempenho é avaliado considerando-se seus progressos e dificuldades, em função do seu próprio padrão de desenvolvimento, necessidades e possibilidades. (COOK in DEPRESBITERIS: 2001, p. 17)

Entendemos ainda que ao empregar outros instrumentos avaliativos estamos ressignificando não apenas o ato de avaliar mas da própria aprendizagem considerando que “*aprender significativamente é dar sentido á linguagem que usamos, é estabelecer relações entre vários elementos de um universo simbólico, é relacionar o conhecimento elaborado com os fatos do dia-a-dia, vividos pelo sujeito da aprendizagem ou por outros sujeitos. (MORETTO: 2005, p.17)*”.

## **Referências**

DEPRESBITERRIS, Léa. *Avaliação em três atos*. 2ª Ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996. (Col. Leitura)

GIL, Antonio Carlos. *Didática do ensino superior*. 1. ed. – 5. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2010.

HOFFMANN, Jussara. *Pontos & contrapontos: do pensar ao agir em avaliação*. Porto Alegre: Mediação, 2005. 9ª ed. Revista.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. São Paulo: Cortez, 2011.

MORETTO, Vasco Pedro. *Prova: um momento privilegiado de estudo – não um acerto de contas*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

## **A presença do bom professor na aula universitária**

Simone de Miranda  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Brasil  
simone\_miranda13@hotmail.com

Enseñar y aprender en el aula universitaria y de nivel superior  
Docência universitária, bom professor, educação física